

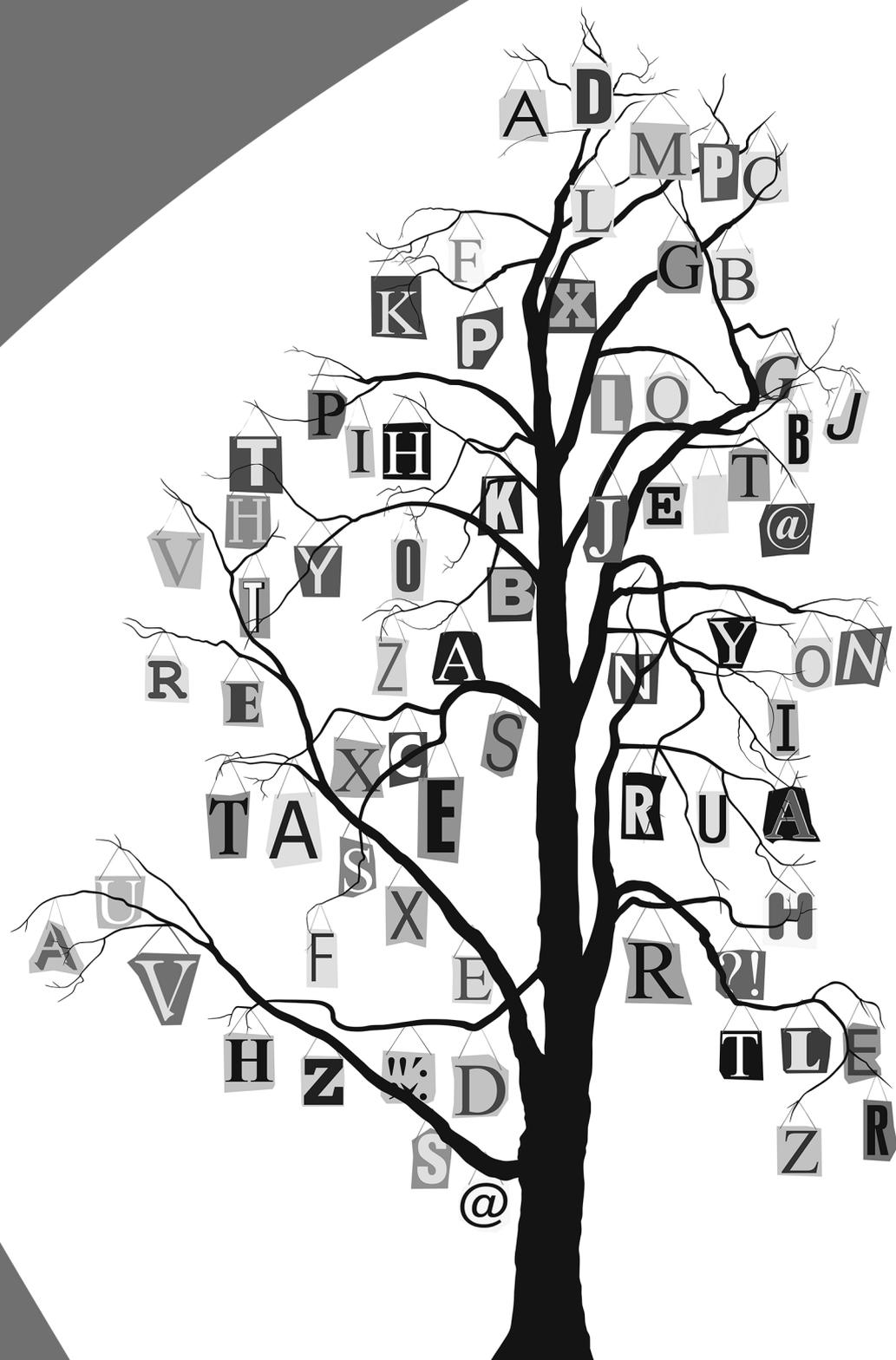
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

159 (In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-18-8
 DOI 10.22533/at.ed.188202802

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves	
Clara Gouvêa do Prado	
Leonardo Birche de Carvalho	
Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn	
Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO

Data de aceite: 18/02/2020

Erick Vinicius Mathias Leite

UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande
<http://lattes.cnpq.br/2604000540999226>

Altamir Botoso

UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande
<http://lattes.cnpq.br/4996564101422445>

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar, analisar e discorrer sobre três poemas de Aparecido Alves Machado, presentes na antologia *Cinderelas do Campo*, publicada em 1992. Pressuposto que o poeta de Camapuã escreve aos moldes do Romantismo, tomamos três linhas principais em termos de respaldo teórico: primeiramente as ponderações sobre o estudo e a análise do poema segundo Antonio Candido (2006) e Norma Goldstein (1995), bem como os conceitos de literatura sul-mato-grossense de José C. V. Pontes (1981) ademais de Rosa e Nogueira (2011). Por fim, levamos em conta o estudo sobre o Romantismo de Lígia Cademartori (1993) e Massaud Moisés (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Sul-mato-grossense; Romantismo; Poesia; *Cinderelas do Campo*; Aparecido Alves Machado.

THE SERIEMA, THE CITY AND THE WOMAN IN THE APARECIDO ALVES MACHADO'S POETICS

ABSTRACT: The aim of article is to present, to analyze and to speak about three poems of Aparecido Alves Machado, present in the anthology *Cinderelas do Campo*, published in 1992. Assumed the poet from Camapuã writes to the molds of Romanticism, we took three main lines in terms of theoretical support: firstly the considerations on the study and analysis of the poem according to Antonio Candido (2006) and Norma Goldstein (1995), as well as the concepts of Mato Grosso do Sul literature by José C. V. Pontes (1981) in addition to Rosa and Nogueira (2011). Finally, we took into account the study on Romanticism of Lígia Cademartori (1993) and Massaud Moisés (2013).

KEYWORDS: Sul-mato-grossense Literature; Romanticism; Poetry; *Cinderelas do Campo*; Aparecido Alves Machado.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar os poemas “Cinderelas do Campo”, “Camapuã, nos tempos” e “Soneto do desespero de amor” de Aparecido Alves Machado, publicados em seu único livro de poemas, cujo título homônimo

do primeiro poema mencionado. Diante disso, este estudo contribuirá para a apresentação e discussão do autor em questão, sendo este pouco conhecido nos limiares acadêmicos brasileiros e, igualmente, oferecer uma reflexão sobre a obra *Cinderelas do Campo* (1992).

Aparecido Alves Machado forma parte dos poucos representantes da arte literária em Camapuã (Mato Grosso do Sul), e apesar da contemporaneidade de sua produção, escreve aos moldes do romantismo. Utiliza da versificação, rimas e estruturas tradicionais para projetar um singular retrato do povo, das paisagens, dos lugares e costumes das cidades cantadas em sua obra.

Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, estudiosas da literatura sul-mato-grossense, atestam como marca de uma gama de produções literárias do estado uma adesão às propensões românticas:

Assim posto, são abundantes as criações em versos e prosa que trazem expressivos traços do Romantismo, assinalados pelo sentimentalismo, subjetivismo, devaneio, culto à mulher e à natureza. [...] Na opinião de alguns críticos, romantismo, parnasianismo, simbolismo, bem como outras tendências literárias vêm sendo remodeladas e reaproveitadas no contexto eclético da Literatura da pós-modernidade, ainda em busca de caminhos (ROSA, NOGUEIRA, 2011, p. 337).

Aparecido Alves Machado forma parte dos incontáveis autores inclinados aos moldes do Romantismo, como mencionam Rosa e Nogueira, e que não obteve respaldo comercial. Apesar disso, foi reconhecido e condecorado por instituições e veículos de difusão literária em seu tempo, como afirma o revisor de *Cinderelas do Campo*, Reginaldo Alves de Araújo, no prefácio do livro:

Aparecido Alves Machado, um dos cultores da arte de escrever na região, é detentor de vários diplomas e menções honrosas pela Revista Brasília, obtendo a Classificação ficção Destaque no X Concurso Nacional de Poesias, recebendo a Medalha cultural E. D'Almeida Vitor, sendo referendado como "Vocação Poética de Primeira Qualidade". Em 1989 foi aprovado para compor o seleto quadro de Valores Literários do Brasil e bem como foi agraciado com um volume expressivo de diplomas culturais, enaltecendo assim a literatura Sul-matogrossense a nível nacional (ARAÚJO, 1992, p. 14).

O reconhecimento público do autor sinalizou um valor literário na produção de Alves Machado e nos propomos a apresentar e trazer a debate suas contribuições ao analisar e interpretar três de seus poemas do livro *Cinderelas do Campo*, que confirmam as seguintes hipóteses apontadas por nós em sua obra: a natureza, a cidade e a amada, com marcas de um acentuado romantismo, característico de uma gama de poetas sul-mato-grossenses.

O artigo divide-se em quatro tópicos teleológicos. No primeiro, expomos sinteticamente os conceitos teóricos que serviram como sustentação para a análise dos poemas de Aparecido Alves Machado. Em seguida, no tópico segundo,

assinalamos algumas particularidades da literatura sul-mato-grossense na qual este se insere. O referido escritor e a sua filiação à tradição romântica são o assunto do terceiro tópico. Nele, apresentamos um panorama elencando dados a respeito de sua vida e a obra e tecemos ponderações a respeito da perpetuação do romantismo em produções poéticas contemporâneas. Na última sessão deste estudo, realizamos as análises dos poemas “Cinderelas do Campo”, “Camapuã nos tempos”, “Soneto do desespero de amor”, enfatizando elementos da poética romântica que neles se encontram, bem como outros conceitos que singularizam os textos do poeta camapuense.

Ao tratar das produções poéticas de Alves Machado, nosso propósito é resgatar um escritor que foi ignorado pela academia e que é pouco conhecido do público leitor. Nesse sentido, ao analisar seus textos, visamos apontar o valor de seus escritos e contribuir com novos estudos que venham a se dedicar a essa figura que, com maestria, plasmou no território da literatura as suas emoções, sentimentos, impressões sobre as cidades, desbravadores da região, as mulheres e temas próprios do Estado de Mato Grosso do Sul em sua obra.

Nossa análise concentra-se em três núcleos de discussão fundamentais: a literatura sul-mato-grossense, o Romantismo como movimento cultural e, por fim, na análise dos poemas. Para isso, elegemos José Couto Vieira Pontes (1981), Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira (2011) como críticos que tratam da literatura de Mato Grosso do Sul, Massaud Moisés (2013) e Lígia Cademartori (1993) para compor o embasamento sobre o período romântico, e, por fim, Antonio Candido (1993) e Norma Goldstein (1995) integram este artigo com suas contribuições sobre o estudo e a análise do poema.

2 | ROMANTISMO E LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE: ASPECTOS TEÓRICOS

Com o povoamento recente de Mato Grosso do Sul, a arte literária no Estado demorou a ser desenvolvida, passando a se manifestar com relevância, segundo Pontes (1981), no final do século XIX e início do século XX. Mesmo assim, o crítico ainda afirma que, desde o Classicismo, todas as escolas literárias passaram pelo Estado, mas que mesmo na contemporaneidade há uma expressiva quantidade de produções ainda em conformidade com o Romantismo, o Simbolismo e o Parnasianismo, destacando a lírica dentre as principais produções. Logo, a presença de traços dessas escolas literárias aliada a temas regionais são coeficientes que caracterizam a literatura sul-mato-grossense, conforme atestam Rosa e Nogueira (2011, p. 336) em seu estudo sobre os forjadores da literatura sul-mato-grossense:

Os depoimentos e as obras possibilitaram que fosse estabelecido um quadro, ainda que provisório e discutível, das tendências e/ou vertentes mais relevantes em relação às criações literárias produzidas e divulgadas no Estado [Mato Grosso do Sul], como: presença de traços do Romantismo; aproveitamento de temas voltados para aspectos regionais e locais da cultura, em que assomam, de modo especial, elementos típicos dos Pantanais e da fronteira Brasil/Paraguai [...].

O Romantismo foi um movimento cultural que seu deu para além da literatura, segundo Moisés (2013), ele foi uma verdadeira revolução nos padrões humanos, não só em critérios estéticos como também filosóficos, econômicos, científicos, morais e religiosos. O movimento adveio no século XIX com a ascensão da burguesia, rompendo com a cultura aristocrática e classicista vigente. O sentido da vida burguesa expressado pelo Romantismo reverbera na literatura, segundo Cademartori (1993), por meio das seguintes características: individualismo, valorização das emoções, moralismo, antitradicionalismo, melancolia, remotismo espacial/temporal, valorização da imaginação, culto à natureza e nacionalismo. O movimento se deu com tal profusão que seus valores foram perpetuados e até hoje suas características são reverberadas na arte literária.

A esse respeito, o crítico Massaud Moisés (2013, p. 421) tece as seguintes ponderações:

De certo modo, a revolução romântica não findou ainda: as várias tentativas de superá-la (como o Realismo, o Naturalismo e Neorrealismo) não só se mostraram inoperantes em vários aspectos, como revelaram a utilização de formas de pensamento posta em moda pelo Romantismo [...], os padrões de cultura inaugurados com a ascensão da Burguesia ainda estão vivos, o quadro dessa permanência se completa e se define (MOISÉS, 2013, p. 421).

Nesse sentido, nossas hipóteses coincidem com o estudo de Moisés, e notamos que os elementos da poética romântica encontram-se enraizados nos poemas de escritores sul-mato-grossenses e também nos textos de muitos autores que fazem parte da nossa contemporaneidade.

Segundo Norma Goldstein (1995) a análise literária segundo divide em duas etapas: os aspectos formais e a interpretação. A primeira é composta por fatores inerentes ao poema, tais como ritmo, rima, métrica, vocabulário, categorias gramaticais, organização sintática e figuras de linguagem; quanto à segunda, cabe ao leitor perceber a relação das informações presentes no texto poético e de que maneira estas geram um sentido, sendo este ato algo demasiado individual, visto que uma produção textual pode assumir várias interpretações: “O texto literário talvez seja aquele que mais se aproxima do sentido etimológico da palavra ‘texto’: entrelaçamento, tecido. Como ‘tecido de palavras’, o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se perceba o entrelaçamento dos fios que o organizam.” (GOLDSTEIN, 1995, p. 6).

A relação entre a linguagem e a poesia é abordada por Antonio Candido (2006), o qual afirma que o “poeta ‘cria’ um mundo seu, a partir do uso das palavras” (CANDIDO, 2006, p. 108). Candido ainda assevera que o poeta é brindado de um “senso especial”, e esta aptidão permite que o artista perscrute o significado das palavras a fim de alcançar a tradução de suas expressões íntimas. Sendo assim, ressalta Candido que o comentador/interpretador do poema deve ter sensibilidade ao levantar suas ponderações a fim de não tornar a análise algo mecânico e, de acordo com o referido crítico:

O verdadeiro comentador experimenta previamente todo o encanto do poema, para em seguida aplicar-lhe os instrumentos de análise. Depois desta, a interpretação deve surgir como um reforço daquele encantamento, e não como seu sucedâneo ou diminuição. (CANDIDO, 2006, p. 23).

Dessa maneira, verifica-se que o trabalho do comentador/interpretador reveste-se de dois momentos cruciais: o efeito de encantamento do texto poético, o qual deve ser seguido da análise, reforçando e desvelando as suas qualidades conceitualmente.

Portanto, no próximo tópico, procuramos evidenciar os aspectos mais importantes a respeito da literatura sul-mato-grossense da qual o poeta Alves Machado faz parte.

3 | A LITERATURA SUL-MATO-GROSSENSE

Para analisarmos a poesia de um autor campuense, devemos, primeiramente, compreender, em relação à literatura brasileira, o macro acontecimento literário-cultural para atingir o micro acontecimento e ponderar os fatores que influenciaram Alves Machado. Portanto, faz-se essencial conhecer a história e a literatura sul-mato-grossense, assim como declara Rosa e Nogueira (2011, p. 322): “A Literatura, como intérprete do homem e do mundo, não pode estar isolada da História, da Economia, da Política, dos padrões sociais. [...] os textos literários estão intimamente ligados às manifestações culturais das épocas em que foram produzidos”.

O Estado de Mato Grosso do Sul formou-se com um povoamento tardio em relação aos grandes núcleos populacionais brasileiros, leste e nordeste, e desde os primórdios, este estado tem o fazendeiro como uma figura importante, tanto social quanto economicamente. Oriunda desta conjuntura, a nova população possuía uma tecnologia ainda muito rústica e constantemente entreva em confronto com os povos indígenas locais. Tais condições, Segundo Pontes (1981), impediam que a cultura letrada se desenvolvesse. Esta só viria a se manifestar com relevância após a Guerra do Paraguai, terminada em 1870.

Apesar da Guerra do Paraguai e outros eventos importantes como a Retomada de Corumbá e a Retirada da Laguna terem ocorrido em território sul-mato-grossense, não foram suficientes a ponto de gerar material prosaico que inspirasse grandes ficções por parte de sua população nativa, portanto, a lírica teve maior expressão na fase embrionária da arte literária de Mato Grosso do Sul, como afirma José Couto Viera Pontes (1981, p. 79): “[...] a ausência de conflitos humanos, seja pela baixa densidade demográfica, seja pela falta de saturação que gera as crises e as contradições, coartou [restringiu/reduziu] qualquer manifestação madura no campo da ficção”.

As escolas tiveram um papel essencial no cultivo da Literatura em Mato Grosso do Sul. Porém, no início do século XIX, as condições educativas no Estado ainda eram muito incipientes. Para tanto, vale ressaltar a importância da fundação do Colégio Salesiano de Santa Teresa, em Corumbá, no ano de 1899, que foi um marco para a educação no Estado, e da mesma forma o Palácio da Instrução, que oferecia dentre sua amplo leque humanístico o cultivo da Literatura, e seu *Grêmio Literário Julia Lopes de Almeida* e seu periódico *A Violeta* contribuíram sobremaneira na disseminação da arte literária na região. A alcunha de “Legendária” dada a cidade de Corumbá, segundo Pontes (1981), não é mero capricho, tendo em vista sua importância histórica e o seu papel na formação da Literatura no Estado.

Observa-se, nesse contexto que a imprensa foi a maior aliada da Literatura sul-mato-grossense conforme Pontes (1981), e nas décadas de trinta e quarenta foi a principal disseminadora das produções, que iam desde crônicas a sonetos publicados pelos letrados da época. Dessa contribuição destacam-se revistas como *Folha da Serra* e *Civilização*, e os jornais da capital como *O Progressista*, *A Campanha*, *Jornal do Comércio*, entre outros, todos atualmente inativos.

Na mesma época, a vida cultural também era mantida pelos grêmios literários estudantis que igualmente se valiam da publicação de periódicos, visando o cultivo da literatura, uma vez que esse era escasso fora do ambiente escolar. *A Pena*, organizada pelo Grêmio Literário Machado de Assis, do Colégio Estadual Campo-Grandense, é um exemplo de suplemento literário que obteve êxito e iniciou vários estudantes na carreira de escritores. Porém, essas associações só tiveram força até a década de cinquenta, pois este encargo passou aos cursos superiores recém-chegados ao M.S.

Em 1971, Ulysses Serra lança seu livro de crônicas, *Camalotes e Guavirais*, em uma cerimônia ímpar no estado, a ponto de, conforme Pontes, “Nenhuma pessoa de modo algum ligada à arte literária, pelo amor à literatura ou pelo cultivo das letras, conseguiu ficar em casa” (1981, p. 37). Na mesma ocasião é lavrada a primeira ata de nascença da Academia de Letras e História de Campo Grande tendo como seu presidente o próprio Ulysses Serra, que não pôde estar presente no

ano seguinte, quando a Academia foi oficialmente instalada, porque viera a falecer. Hoje alterada para Academia Sul-Mato-Grossense de Letras contribui e incentiva o desenvolvimento da cultura letrada em Mato Grosso do Sul.

Portanto, para conhecer a Literatura Sul-Mato-Grossense, o roteiro configura-se em revistas e jornais, uma vez que foi a partir desses veículos que a arte literária do M.S obteve maior visibilidade. Segundo Pontes (1981), todos os movimentos literários do Brasil tiveram presença em Mato Grosso do Sul, e levando-se em conta o fato de sua literatura ainda estar em fase de desenvolvimento, é possível notar uma temática em comum entre todas as produções: a relação do homem e o espaço, em consonância com o que afirmam Rosa e Nogueira:

A identidade pantaneira faz-se presente nas representações discursivas locais, com produção de autores genuinamente pantaneiros, que projetam vertente literária que explora temáticas regionais e locais, voltadas para a redescoberta da história local, a fim de garimpar raízes autênticas ou imaginárias da gente, que ocupou e povoou os pantanais de Mato Grosso do Sul (ROSA, NOGUEIRA, 2011, p. 321).

Esses elementos apontados por Rosa e Nogueira fazem parte das produções poéticas de Alves Machado, conforme será demonstrado nas análises dos poemas selecionados para este artigo.

4 | A TRADIÇÃO ROMÂNTICA EM APARECIDO ALVES MACHADO

Levando em consideração o fato de que o poeta no qual este estudo se debruça é um quase desconhecido dos leitores, julgamos pertinente apresentar, primeiramente, um breve panorama a seu respeito e tecer algumas considerações sobre a sua única obra que veio a público, *Cinderelas do Campo* (1992). Em seguida, face à relevância do Romantismo e a perpetuação de seus elementos na poética de escritores de Mato Grosso do Sul e, em particular, nos textos poéticos de Alves Machado, apontamos dados relevantes sobre o período mencionado e a sua permanência no território das letras não só do nosso Estado, mas de todo o Brasil.

4.1 O escritor e a sua obra: temas de sua produção poética

Previamente salientamos a brevidade deste capítulo, ainda que essencial, pois, quase nada se sabe sobre Aparecido Alves Machado, visto que se trata de um autor pouco conhecido no M.S e que não é citado nas contribuições sobre literatura sul-mato-grossense que tomamos como fio condutor deste artigo (cf. PONTES, 1981; ROSA e NOGUEIRA, 2011).

Alves Machado veio a publicar somente um livro, fato que supomos dever-se à falta de respaldo comercial. E é nessa premissa que fundamentamos nossas informações sobre esse assunto, sendo que não encontramos muita referência

pública acerca do poeta ademais de não haver nenhum outro estudo sobre esse escritor.

Nascido em 1940, no município de Ribas do Rio Pardo (Mato Grosso do Sul), filho de Elydio Alves Machado e Sudália Rodrigues Machado, o poeta e cronista Aparecido Alves Machado evidencia através da literatura as vivências, os costumes, as tradições e as belezas do seu povo e da sua terra, em especial a cidade de Camapuã (MS), onde passou grande parte de sua vida.

Em virtude do seu DESTAQUE no X CONCURSO NACIONAL DE POESIAS, entre poetas e escritores do Brasil, quando fora homenageado com a MEDALHA CULTURAL JORN. E. D'ALMEIDA VITOR, na Capital Federal, lhe fora outorgado pela CÂMARA MUNICIPAL DE CAMAPUÃ-MS DIPLOMA DE CIDADÃO CAMAPUENSE (ARAÚJO, 1992, contracapa).

A homenagem recebida bem como o diploma de cidadão camapuense são fatores que conferem respaldo à nossa pesquisa e nos incitam a realizar a pesquisa sobre o único livro de Alves Machado, supondo que os poemas desse escritor merecem ser estudados. E dessa forma, nosso estudo poderá servir a outros estudiosos que vierem a tratar do referido autor e de sua obra.

A coletânea *Cinderelas do Campo* foi publicada em 1992, e consta como a única obra publicada de Aparecido Alves Machado que veio a lume até os dias de hoje; trata-se de uma antologia que reúne seus poemas, assim como um conto e duas crônicas. Essa obra “[...] faz da irresistível Camapuã a sinfonia inspiradora de seus versos, bracejando nas ondas apaixonantes de um verdadeiro oceano telúrico” (ARAÚJO, 1992, p. 14), sem negligenciar as adversidades político-sociais da época.

Alves Machado, até onde a pesquisa indica, produziu seus textos até a década de noventa, encontrando-se, então, historiograficamente, no período contemporâneo, conforme observações da estudiosa Beatriz Resende (2008, p.15). Por outro lado, é possível observar em sua produção certa confluência com as formas românticas. É patente em sua obra o verso, o metro e o ritmo em uma ligação indissolúvel, além da relação entre Deus, o homem e a natureza.

Rosa e Nogueira em seu capítulo “Representantes da Literatura Sul-Mato-Grossense Nos Municípios do Estado”, tecem um comentário no qual afirmam que “alguns poetas sul-mato-grossenses ainda estão presos às normas do Romantismo e do Parnasianismo” (2011, p. 327), e apontam como explicação para esse fato; o afastamento dos grandes centros urbanos e as formas precárias de comunicação. As autoras ainda fazem uma crítica aos escritores que se utilizam dessas propensões “ultrapassadas”, atribuindo-lhes falta de um trabalho mais apurado.

Outrossim, como é evidente o preceito romântico na produção de Aparecido Alves Machado, trataremos no capítulo a seguir da vigência do romantismo na contemporaneidade e como os aspectos da escola literária reverberam na poesia do

escritor campuense.

4.2 Romantismo na contemporaneidade

Nosso propósito neste tópico não é realizar um debate exaustivo sobre a permanência do romantismo nos períodos subsequentes a ele, mas sim oferecer uma visão panorâmica de alguns estudos que se dedicam a identificar manifestações contemporâneas, que utilizam como instrumento de expressão algumas convenções estético-românticas.

Partindo das ponderações de José Couto Vieira Pontes sobre literatura sul-mato-grossense, notamos que há uma preservação das propensões românticas mesmo após o término dessa escola literária, sendo seus valores ainda cultivados por artistas até na contemporaneidade. A esse respeito, o referido crítico tece a seguinte ponderação:

Muitos afirmam — sem pouca razão — que o romantismo não perece, mas sim as formas e os revestimentos da expressão literária, que se renovam consoante o tempo, a linguagem e as influências várias. Flaubert dizia que antes de nós tudo já fora dito e explorado — naturalmente desde os gregos e outros povos da antiguidade clássica — restando ao escritor hodierno apenas repetir as mesmas coisas com outras tintas e outra linguagem. (PONTES, 1981, p. 30).

Tendo se desdobrado em vários âmbitos sociais e não somente no artístico, o Romantismo marcou o início da vida moderna, bem como afirma Maria Leonor Machado de Sousa (1980) em seu estudo sobre o Romantismo Inglês. A estudiosa levanta a hipótese da existência de românticos em todas as épocas, e esses inclusive já foram classificados como “originais” ou “excêntricos”. Sendo assim, constata-se uma marca extemporânea no movimento romântico e a sua permanência nas criações poéticas da contemporaneidade.

Dada a intensidade que o movimento causou na sociedade como um todo, a pesquisadora da Universidade de Lisboa igualmente declara que “Para todas as manifestações artísticas e literárias do nosso tempo, é possível encontrar uma raiz no Romantismo” (SOUSA, 1980, p. 22-23).

Da mesma maneira, Antonio Candido (1988) alega que é o caráter paradoxal que o romantismo possui que lhe garante sua intempestividade, na medida em que este surgiu da ânsia dos poetas por liberdade em relação à plasticidade aprisionadora que a arte literária estava sujeita até então, ademais de se encontrar em um período de democratização da literatura no qual o público leitor acaba de se expandir e não estava mais resumido às classes mais abastadas. O crítico ainda afirma que o “romantismo redefiniu o conceito de literatura de maneira tão profunda que essa redefinição ainda hoje não foi esgotada” (CANDIDO, 1988, p.78).

Pode-se observar características românticas na obra de Aparecido Alves

Machado, que ficarão mais nítidas no próximo capítulo que realiza a análise do *corpus*, tomando como parâmetro os conceitos do estudo sobre o Romantismo de Lígia Cadermatori (1993): individualismo, valorização das emoções, moralismo, melancolia, remotismo espacial/temporal, culto à natureza e nacionalismo.

Sendo assim, tomamos como ponto de partida o fato de que o olhar sensível do poeta Aparecido Alves Machado tem algo a dizer ainda que sua estética possa ser considerada antiquada por alguns estudiosos, em especial sobre a relação entre o homem e o espaço. Nesta perspectiva, não objetivamos conjecturar ou mensurar o quão inovador é sua escrita, mas dar visibilidade à produção poética do referido autor e suscitar novos outros estudos relativos aos seus textos, tendo em vista que a arte literária em Camapuã não é muito cultuada e seus artistas por sua vez pouco estudados.

Tendo situado o autor teoricamente e estando claros os coeficientes literários que o influenciavam, passamos à análise do *corpus*.

5 | COMPROVAÇÃO DAS HIPÓTESES

Começamos pelo poema que dá nome ao livro, “Cinderelas do Campo”, que remete a um dos mais insígnis conto de fadas da humanidade, Cinderela, cuja versão mais popular é a de Charles Perrault, no século XVII, mas que tem suas origens em uma tradição oral muito anterior ao escritor francês. Como é possível observar, o autor realiza uma referência ao nome *cinder* (cinza em inglês) para aludir à coloração cinzenta da seriema e atribuir um aspecto suntuoso à ave. No poema o vocábulo “seriema” é escrito em letra maiúscula.

O poema em questão encontra-se transcrito abaixo:

Cinderelas do Campo
Delas tanto se falam
Também quero falar
Dessas Cinderelas do campo
Que aos poetas inspiraram

Canta canta, Seriema
De Mato Grosso ou de Goiás
Não importa o seu estado
Seu cantar lembrança traz.

O Estado foi dividido
Nos confins daqueles sertões
As Seriemas cantam
Que bonito sustenido

Nosso Território separado
A elas fez diferença
Pois, cantam bem duetado
Como cantores preparados.

Canta Seriema de Mato Grosso
E de Mato Grosso do Sul
Cantem para os viajores
Destes dois Estados colosso
(MACHADO, 1992, p. 103).

O poema acima é formado por cinco quadras, as rimas são externas, graves e consoantes, sendo que o primeiro verso rima com o último, com exceção da segunda estrofe na qual o penúltimo verso também rima. É possível notar que os efeitos sonoros predominantes são a assonância da vogal “a” e a aliteração da consoante “d”, formando-se assim a musicalidade do poema.

Candido (2006, p. 50) afirma que “o som por si não produz efeitos se não estiver ligado ao sentido”. Portanto, constatamos que a assonância da vogal “a” na sua forma nasal está presente em palavras que são comuns a uma sensação de nostalgia e admiração — “falam”, “cantar”, “inspiraram”, “campo”, “lembrança”. E a aliteração da consoante “d” remete ao ato de cantar — “dividido”, “sustenido”, “duetado”, “separado”, “preparado”. A combinação dessas duas qualidades sonoras plasma o aspecto místico da ave seriema, a musa inspiradora do romântico.

O poema é permeado por uma atmosfera de profundo encanto pela natureza, em especial pela seriema, que é retratada como uma entidade mística. Seu cantar é capaz de romper com os limites do alcançável e as barreiras geográficas, e toda essa magnificência presente na ave é amalgamada às inclinações do autor, que não é de se admirar, pois o contemplar da natureza é um percorrer ao próprio mundo interior (MOISÉS, 2013, p. 420).

E assim, como o período romântico foi um momento de virada política, Alves Machado tece uma sutil crítica em suas letras em relação a uma questão polêmica do seu Estado. No poema a seriema se torna uma das vozes em meio a um embate político, que foi a divisão dos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, onde o poeta deixa claro sua opinião ao afirmar que com os estados divididos, as aves podem cantar em dueto.

Cademartori (1993, p. 41) afirma que “Com o Romantismo, o tema local ganha proeminência e cabe às descrições darem conta da exuberância da paisagem e da curiosidade e peculiaridade dos costumes do País”. A valorização dos fatores locais é notória na poética de Alves Machado, e neste poema não é diferente, pois no poema “Cinderelas do Campo” há um intrínseco sentimento regional no qual o poeta manifesta seu apreço pelo que é local na imagem da seriema com todo seu

esplendor, valorizando a paisagem e a geografia local.

Abordemos agora a relação que sempre existiu na historiografia, entre literatura e cidade, passando ao segundo poema que faz parte do nosso *corpus*, “Camapuã, nos tempos”, nele o olhar do poeta se direciona para a cidade de Camapuã, tratada como “torrão amado” ao longo de vários poemas da antologia *Cinderelas do Campo* (1992), expondo mais uma vez o viés telúrico e ostensivo em nesta produção literária.

Assim como o sítio abandonado de Camapuã foi uma das inspirações para o ilustre romance *Inocência*, de Visconde de Taunay (PONTES, 1981, p.86), Alves Machado torna a cidade em questão objeto de seu encanto e inspiração. E como o título do poema bem sugere, propõe uma viagem pelo tempo e retorna ao varadouro de Camapuã do século XIX, época das “monções”, célebres jornadas em direção às minas de ouro de Cuiabá.

Sobre o fascínio pelo saudosismo espacial e temporal característico dos românticos, comenta Lígia Cademartori:

Os românticos procuravam analogias na história e inspiração em fatos e personagens de outras épocas [...] quando se voltam ao passado, não é em busca de modelos, mas por sedução pelo remoto, tentativa de fuga do presente. O passado atrai pelo exótico, por estar distante. É pela mesma razão, pelo desejo de escapar do circunstancial, que se manifestam no Romantismo o sonho, a loucura, a utopia, as reminiscências de infância. (CADEMARTORI, 1993, p. 39).

O retorno ao passado vai indelevelmente marcar a produção poética de Alves Machado e, de um modo geral, de quase todos os poetas sul-mato-grossenses, que buscam nele o material para a construção de textos poéticos e ficcionais, como é caso do poema a seguir:

Camapuã, nos tempos
Rui Dias Melgarejo, intrépido explorador...
Concentração de índios... padres jesuítas
Pouso de bandeirantes... bravos sertanistas
Certamente habitou em rancho seu fundador.

Lendas de tesouros aqui existentes
Ouro e diamantes à flor da terra
Trouxeram aventureiros insistentes
Tal qual uma operação de guerra

Homens e mulheres naquele vai e vem
Andavam pelos vales e planuras
Exploravam as montanhas também
Carentes de recursos sofreram amargura.

Desmembrada de Herculândia, desenvolveu
O progresso encurtou a distância

Vemos um futuro com abundância
Depois da luta de ilustres filhos seus.

Os anônimos... foram... muitos...
Na história, Ernesto e Joaquim Rosa
Trabalharam pelo povo, sem ambição
Somaram forças pela sua ampliação

Outros viveram belos dias de glória
Pedro, Flodoaldo, Laucídio Eraldo...
Concorreram em eleição, tiveram vitória
E, Victor Hugo Rosa, têm nossa admiração
(MACHADO, 1992, p. 86).

Iniciamos esta análise pela análise estrutural do poema. Este é formado por seis estrofes de quatro versos cada. A primeira e a quarta quadra possuem um esquema de rimas ABBA, sendo ABAB da segunda e da terceira estrofe, ademais das duas últimas dispõem de um jogo rítmico livre. Suas três estrofes iniciais aludem à Camapuã histórica, e suas quadras derradeiras tratam da cidade pós-ruína.

Segundo Goldstein “Interrogações, reticências, inversões sintáticas, podem apontar um caminho para a interpretação do poema” (1995, p. 62). É perceptível a presença de reticências na organização sintática do poema toda vez que o autor pretende ou menciona uma figura que faz parte da história da cidade de Camapuã, mesmo quando desconhecidos. As pausas que as reticências geram durante a leitura simulam o ato de rememorar, na tentativa do autor em representar seu esforço de não deixar nenhum nome de fora dessa espécie de homenagem histórica que é “Camapuã, nos tempos”. Tendo isso em vista, passamos agora para a análise da estrutura interna do poema.

O historiador J. Barbosa Rodrigues em sua obra *Isto é Mato Grosso do Sul* (1978), classifica historicamente a cidade de Camapuã em antes e depois da ruína, e do mesmo modo dividiremos em duas partes nossa análise do conteúdo do poema, e ao longo desta, devido ao teor poético, minimamente ofereceremos um panorama histórico da cidade.

Iniciamos pelas três estrofes iniciais que figuram o passado mais remoto. No começo do poema, Alves Machado evoca uma época longínqua, somente há algumas décadas após o descobrimento do Brasil, ao mencionar o arrojado conquistador Rui Dias Melgarejo que, a serviço da coroa espanhola, fundou o povoado de Santiago de Xerez em 1579, em território sul-mato-grossense, mas que teve curta duração (RODRIGUES, 1978, p. 24).

O estudioso ainda menciona figuras importantes que compõem o passado histórico de Camapuã, sendo seus primeiros habitantes bandeirantes, jesuítas e

índios. No último verso da primeira quadra, Alves Machado avança alguns anos na linha do tempo e indiretamente cita os fundadores do sítio de Camapuã, os irmãos Lemes. Tais informações são factuais, conforme se pode depreender do trecho da obra *Perfil do Município Camapuã* (1989) que reproduzimos a seguir:

Em 1593, os jesuítas espanhóis, procedendo da região da Guaíra, subindo o rio Paraná e depois o rio Pardo, se estabeleceram com uma 'redução' à margem do ribeirão Camapuã, a 18 quilômetros do porto de desembarque no rio Pardo e a 3 quilômetros acima da atual cidade de Camapuã.

Essa "redução" dos jesuítas concentrou, na época, grande número de índios catequizados. Foi destruída pelos paulistas, por volta de 1650, tornando-se pouso das "bandeiras" que demandavam pelo rio Coxim, rumo às minas de Cuiabá.

A rota das longas viagens, de São Paulo a Cuiabá — "obra de 530 léguas por via fluvial desde Araraguava, salvo no varadouro de Camapuã, que os irmãos Lemes abriram, em 1723 entre o Sanguesuga, afluente do rio Pardo e o Coxim, criaram a necessidade de um sítio de abastecimento e proteção aos navegantes". (PERFIL..., 1989, p. 1).

Como apontamos anteriormente, a presença das reticências, principalmente na primeira quadra, está diretamente relacionada à memória, e no levantamento de várias imagens na primeira estrofe, Alves Machado contrasta duas figuras históricas, Rui Dias Melgarejo e os fundadores do sítio de Camapuã, sendo assim, dois povoados antigos estão em contraste: Santiago de Xerez e Camapuã. É possível perceber uma tensão quando autor contrasta essas duas povoações, e ao fazer isso, o poeta eleva Camapuã como a figura máxima de sua linha do tempo, e sublimá-la como o povoado mais antigo do Mato Grosso do Sul, bem como afirma Rodrigues (1978, p. 81), visto que Santiago de Xerez teve uma duração efêmera.

A segunda e a terceira estrofes tratam do período "pós-febre do ouro", quando o sítio de Camapuã cai em completo abandono, mas tempos depois atrai a atenção de aventureiros em busca de riquezas, que também acabam por deixar o local depois de tentativas frustradas de encontrar tesouros, como podemos constatar na citação seguinte:

Muitos aventureiros atraídos pela lenda da existência de tesouros fabulosos, deixados na fuga, pelos jesuítas, estiveram na região fazendo escavações sem nenhum resultado. Julio Bais, um desses crédulos, ali fincou rancho, instalando-se com sua comitiva e, ao que parece, apenas encontrou ossadas humanas. (PERFIL..., 1989, p.1).

O trânsito dos aventureiros fica patente na terceira estrofe do poema e também evidencia o seu interesse e a sua cobiça por metais preciosos:

Homens e mulheres naquele vai e vem
Andavam pelos vales e planuras
Exploraram as montanhas também
Carentes de recursos sofreram amarguras
(MACHADO, 1992, p. 86).

Verifica-se, inicialmente, um caráter predatório em relação ao povoado em formação, uma vez que homens e mulheres encontravam-se de passagem, buscavam encontrar riquezas e partir. Dessa forma, suas vidas foram marcadas pela dor e o sofrimento, certamente ocasionados pelas péssimas condições de vida, por batalhas contra os autóctones, doenças e outros males que afetaram aqueles que se aventuraram por locais desconhecidos da geografia sul-mato-grossense.

Nesse sentido, vale destacar que, segundo Rodrigues, “[c]om o empobrecimento das minas auríferas de Cuiabá, o povoado entrou em decadência, reduzindo-se a ruínas. Posteriormente renasceu das próprias cinzas” (RODRIGUES, 1978, p. 81). O poema louva a figura dos aventureiros e das personalidades que contribuíram para que Camapuã se reerguesse e se tornasse um local de destaque na região.

Atentemo-nos agora para as três estrofes derradeiras que sustentam a segunda parte da nossa análise da estrutura interna, e que configura o período pós-ruína, que passa a assumir um teor político, fato bastante acentuado no período romântico e, sobre isso, comenta Massaud Moisés:

Politicamente liberal, sente-se “o arauto das inquietações populares”, mago, profeta, gênio, predestinado; idealista, acredita no progresso do Homem e sonha com uma Idade do Ouro, sob o signo da Liberdade, Fraternidade, Igualdade, trinômio posto em voga pela Revolução Francesa. (MOISÉS, 2013, p. 421).

O poeta romântico assume uma atitude ufanista que, de modo geral, é também um traço constante da poética de escritores sul-mato-grossenses, e Alves Machado não é exceção a essa regra. O poeta inicia a quarta estrofe mencionando a emancipação de Camapuã, que outrora fazia parte de Herculândia (Atual Coxim), e apresenta uma visão bastante otimista quanto ao futuro da cidade. A mesma imagem esperançosa permeia a segunda quadra, cujo eu lírico torna a mencionar figuras importantes que fizeram parte da história da cidade, e assim como nas estrofes anteriores, volta a fazer uso do ato de rememorar, enfatizado por meio das reticências.

Sua última estrofe contém uma dimensão ainda mais política, porque Alves Machado finaliza a linha do tempo de Camapuã, proposta no poema em questão, citando alguns prefeitos que passaram pela cidade, e termina por ressaltar a figura de Victor Hugo Rosa, prefeito durante os anos de 1989 a 1992. Esse senso de política, alinhado à visão otimista do autor configura o aspecto idealista do poeta romântico assinalado por Moisés (2013, p. 421).

“Camapuã, nos tempos”, além de propiciar uma viagem pela linha do tempo de Camapuã, é especialmente, uma homenagem àqueles que fazem parte da história da cidade. Esta forma de escapismo, de busca pelo pitoresco e da cor local presentes no poema, combinados à cordura política do autor são, acima de tudo, uma tentativa de despertar o inconsciente coletivo e apontar o olhar do leitor às nuances da cidade

e fazê-lo tomar consciência de sua complexidade histórica e social e, acima de tudo, valorizá-la. (MOISÉS, 2013, p. 421)

O terceiro e último poema que compõe nosso *corpus*, “Soneto do desespero de amor”, se plasma em características marcantes do início do Romantismo, as quais, segundo Cademartori (1993), são o individualismo, o emocionalismo e a melancolia. Tais traços são recorrentes nos poemas de Alves Machado. A figura feminina é fonte de inspiração do poeta e efígie assídua em sua produção e, patente dos moldes de sua escrita, é carregada de idealização:

Soneto do desespero de amor

Sem você ao meu lado nenhum dia é lindo...
Estou sempre sozinho com tristeza chocante
Se pelo menos chegasse o pombo-correio informante
Que, trouxesse recado do seu amor fiel e infindo.

Se vou à festa só o álcool vai me distraíndo...
Sinto no coração um medo tão grande e dominante
Mas não quero me tornar um homem ébrio, errante
À noite sonho com você na minha cama sorrindo.
Imagino viver sem você, na garganta cresce um nó...
Não entendo mesmo porque de mim não tens dó
Veja, pois, não tenho cara de quem mente

Lembro hoje, fiz-lhe serenatas em noites frias...
No dia seguinte seu silêncio no meu peito sentia
À guerra fosse e voltasse condecorado heroicamente!?

Pensamento do autor:

“Você é a flor que não morreu no meu jardim”
(MACHADO, 1992, p. 52).

Trata-se de um soneto, um poema de forma fixa muito comum na literatura ocidental, e apesar de o poeta escrever pautado em modelos do romantismo e o período romântico ser marcado pelo uso do decassílabo, do setissílabo e do endecassílabo (CANDIDO, 1993, p.87), este poema não obedece ao modelo clássico, a começar pela quantidade díspar de sílabas poéticas entre os versos, e o esquema de rimas ser ABBA/ABBA/CCD/CCD, enquanto que os sonetos clássicos seguiam o jogo rítmico ABBA/ABBA/CDC/DCD. Dessa maneira, podemos considerar esse fato como um singelo traço contemporâneo de Alves Machado, conforme assevera a estudiosa Norma Goldstein (1995, p. 58), quando trata da construção poética na contemporaneidade:

Em vez dos poemas de forma fixa, a poesia contemporânea se organiza em poemas de formas não fixas, ou melhor, não prefixadas. E, caso retome uma das composições tradicionais, o poeta moderno o faz, geralmente, de maneira renovada.

Essa renovação pode ser constatada no poema acima, graças à modificação empreendida por Alves Machado ao modificar as rimas finais dos dois tercetos de sua composição poética. No entanto, vale enfatizar que perpetuaram-se nesta composição aspectos tradicionais da poética romântica, uma característica recorrente em poetas sul-mato-grossenses, mas que ele muda para deixar sua marca autoral.

Massaud Moisés (2013, p. 420) afirma que o individualismo característico dos românticos compõe uma dimensão egocêntrica que possuem, e tal fato se materializa em critérios estéticos de suas produções: o sentimentalismo, a imaginação desenfreada a introversão, entre outros. Em “Soneto do desespero de amor”, esses fatores são notáveis, pois em seu nível semântico, o poema trata do desalento do eu lírico em relação a sua amada, trazendo consigo uma carga de sentimentalidade exacerbada.

Antonio Candido (2006, p. 32) reitera o caráter argumentativo do soneto petrarquiano: “[...] instrumento expressivo italiano (ou fixado e explorado pelos italianos), apto pela sua estrutura a exprimir uma dialética; isto é, no caso, uma forma ordenada e progressiva de argumentação”. No poema em questão, diante do desprezo da amada, o eu-lírico levanta argumentos para justificarem o merecimento de reciprocidade. Apoiados nesta premissa é que fundamentamos esta análise.

O primeiro elemento que compõe a retórica do poema é a presença das reticências, presentes no final do primeiro verso de cada estrofe, que deixa ao leitor o dever de completar o significado do verso, criando uma ponte com o mesmo, aproximando-o de seu sofrimento e trazendo-o assim para o seu jogo argumentativo.

Em seguida, um paradoxo forma o embate de sentimentos presentes no soneto. Nos dísticos iniciais dos quartetos, o eu lírico levanta imagens que compõem o seu esmorecimento: “solidão”, “tristeza”, “álcool”, “medo”, enquanto os dois versos finais das quadras apresentam uma visão esperançosa: “seu amor fiel e infindo”, “não quero me tornar um homem ébrio”, “sonho com você na minha cama sorrindo”. Esta combinação de imagens opostas cria uma atmosfera de oposições que reflete a complexidade existencial na qual o eu lírico se encontra.

A rima presente nos últimos tercetos forma o clímax da retórica do poema, no último verso da terceira estrofe, o poeta alega a veracidade de suas palavras quando diz: “Veja, pois, não tenho cara de quem mente” (MACHADO, 1992, p. 52), e no último verso do soneto, o auge do sofrimento do eu lírico o leva a uma fuga espacial. Sobre esse aspecto, comenta Moisés: “com a recorrência do tédio, sobrevém a angústia, que acaba por conduzir a desesperação, da qual procuram escapar pelo suicídio ou pela evasão do tempo e no espaço” (2013, p. 420). O eu lírico questiona a possibilidade de seu sacrifício ser devidamente reconhecido pela amada em uma dimensão hipotética, em conformidade com o que vem expresso no seguinte verso: “À guerra fosse e voltasse condecorado heroicamente !?” (MACHADO, 1992, p. 52),

este encerra o soneto com uma pontuação interrogativa-exclamativa como parte de sua argumentação, na tentativa de evidenciar a ambiguidade de suas palavras.

Na mesma página se encontra uma sessão denominada “Pensamento do autor”, que se caracteriza por um breve comentário de Alves Machado, que pode ou não estar ligado ao significado do poema e que é recorrente ao longo da antologia *Cinderelas do Campo*. Reginaldo Alves de Araújo, que escreveu o prefácio do livro, retoma o comentário e tece a seguinte observação: “[...] permeado de lirismo, desmancha-se enternecido nos braços da amada quando diz: ‘Você é a flor que não morreu no meu jardim’” (MACHADO, 1992, p. 14).

O comentário em questão, que segue “Soneto do desespero de amor”, resgata o sentido intrínseco do poema: a esperança pelo retorno da amada. Moisés (2013, p. 420) ainda postula que a Natureza é mera projeção do mundo interior do poeta. Sendo assim, Alves Machado, em suas palavras, está projetando seu universo particular na imagem do jardim e a mulher na figura da flor, simbolizando a única fonte de esperança em meio a sua dubiedade existencial ético-estética.

No período romântico, o amor e a idealização da mulher como um ser inatingível são temáticas frequentes e, na poesia de Alves Machado, percebemos essa retomada de elementos da tradição romântica, que perpassa as suas criações poéticas e também a da maioria dos escritores sul-mato-grossenses. De certa maneira, consideramos que eles se mantêm presos a modelos tradicionais na construção de seus poemas, com poucas inovações, buscando apoio em elementos já consagrados, ao invés de ousar em novas formas, seja na técnica, seja na temática.

6 | PALAVRAS FINAIS

A representação da natureza, da cidade e da amada formam as principais temáticas da produção de Aparecido Alves Machado. Sendo assim, observa-se que o autor vale-se de particularidades que caracterizam o que conhecemos por Romantismo. Os valores levantados pela revolução romântica se perpetuam na contemporaneidade e estão presentes substancialmente na Literatura sul-mato-grossense, da qual o autor em questão faz parte.

Como afirma Moisés (2013), a Natureza é uma espécie de *alter ego* do romântico, e o escapismo espacial em direção ao ambiente natural é recorrente na produção de Alves Machado. Ele torna as árvores, os morros, os rios e os pássaros consoladores e confidentes leais das nuances de seu universo íntimo. Nesse sentido, “[a] Natureza é um ‘estado d’alma’, enfim. Na contemplação dos lagos, montes, o firmamento, prado, etc., os românticos descobrem ‘mistérios’, como se pervagassem o seu próprio mundo interior” (MOISÉS, 2013, p. 420).

A cidade constitui o componente ufanista do autor. O senso político e a visão

otimista quanto ao progresso estão presentes em inúmeras poesias de Alves Machado. A cidade é a razão de seu fascínio e entusiasmo, e ao realçar as suas belezas e peculiaridades, ele intenta desvelar o olhar do leitor para o seu redor, bem como trata Rosa e Nogueira sobre a conscientização social da qual os poetas e escritores se incubem: “Buscam a interação com o leitor, com o fito de despertá-lo da alienação e da apatia, tornando-o mais participativo e mais apto a viver plenamente [...]” (2011, p. 339).

Cademartori (1993) declara que no Romantismo, o emocionalismo e a intimidade transfiguram-se em critérios estéticos. O sentimentalismo acentuado se manifesta nos poemas de Alves Machado, sobretudo naqueles onde a figura da mulher é cultuada. A amada inalcançável é a fonte de toda angústia, tédio e desesperação do poeta, este que recorre à fuga espacial para não encarar a realidade.

No primeiro poema analisado, “Cinderelas do campo”, observamos que um componente da paisagem, uma ave, a seriema, converte-se na musa inspiradora do poeta para falar da região e da separação e individualização dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, os quais, apesar dessa separação, continuam ligados, irmanados, uma vez que há mais de identidade do que diferenças entre ambos, cada um deles, apresenta singularidades que os tornam inolvidáveis, fato que o texto poético de Alves Machado repercute em seus versos.

Em “Camapuã nos tempos”, segundo poema analisado, notamos um retrospecto histórico da formação da cidade de Camapuã, que se configura desde os habitantes primitivos, os índios, passando por colonizadores, suas lutas e dificuldades, a divisão geográfica e a nomeação do local onde se circunscreve a referida cidade, até atingir a sua dimensão política, numa homenagem àqueles que fizeram e fazem parte da sua história.

No último poema estudado, “Soneto do desespero de amor”, verifica-se uma composição de formato tradicional — o soneto — para evidenciar os sentimentos não correspondidos do eu lírico em relação a sua amada, uma mulher idealizada e inalcançável, configurando uma revisita e uma reelaboração de um tema recorrente na poética romântica, a qual perpassa também os dois textos poéticos analisados neste artigo, que buscam valorizar a geografia e a história da região sul-matogrossense.

Por fim, queremos deixar patente que o intuito das análises realizadas teve como propósito a valorização das qualidades da poética de um escritor que não recebeu nenhuma atenção por parte da crítica especializada, e evidenciamos que as suas composições poéticas têm conteúdo para estudos mais aprofundados e capazes de determinar a importância e a contribuição de Aparecido Alves Machado para o panteão de poetas do Estado de Mato Grosso do Sul. Sendo assim, nosso intuito foi discutir de forma precípua as contribuições do referido poeta para a literatura sul-

mato-grossense e com isso, de alguma forma, instigar novos estudos relativos à sua obra.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Reginaldo Alves. “Prefácio”. In: MACHADO, Aparecido Alves. **Cinderelas do Campo**. Campo Grande: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul, 1992.

CADEMARTORI, Lígia. **Períodos literários**. São Paulo: Editora Ática: 1993.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

_____. “Romantismo, Nosso Contemporâneo”. (Resumo da aula inaugural na PUC-RJ). Suplemento **Idéias – Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 mar. 1988.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã... Diálogo**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MACHADO, Aparecido Alves. **Cinderelas do Campo**. Campo Grande: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul, 1992.

PERFIL do Município de Camapuã. Campo Grande: Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral – SEPLAN/MS, Fundação Instituto de Apoio ao Planejamento do Estado – FIPLAN/MS, 1989.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

PONTES, José Couto Vieira. **História e Literatura de Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RODRIGUES, J. Barbosa. **Isto é Mato Grosso do Sul**. São Paulo: [S/E.], 1978.

ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. **A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores**. Campo Grande: Life Editora, 2011.

SOUZA, Maria Leonor Machado de. Romantismo inglês: uma interpretação. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas** – FCSH, Universidade Nova de Lisboa, n. 1, 1980, p. 7- 23. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/4212>. Acesso em: 15 set. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0